

*Resumo: Podemos abordar a situação ecológica na qual se encontra nosso planeta, com todos os sistemas de vida, sem recorrer ao campo da ética. A tomada de consciência ecológica vem-nos dando um diagnóstico da situação: abusos, crimes, extinção de espécies, poluição do ar, da água, do solo etc. Mas a aceitação desse fato como positivo ou negativo, bem ou mal, requer uma reflexão articulada entre a ecologia e a ética. Para que essa articulação seja feita de modo adequado, precisamos compreender o que significam estes termos: ética e ecologia. A ação do ser humano sobre o meio ambiente se constitui em matéria essencial para a ecologia. Daí a importância de um olhar atento ao processo do agir humano sobre a natureza e, mesmo, suas alternâncias ao longo da história humana. Segundo Michel Métayer, o atual quadro destrutivo representa um problema muito grave: talvez o mais grave dos que a humanidade teve que enfrentar até hoje. Diante da situação, humanistas e universalistas trazem à “ordem do dia” o princípio da dignidade humana e, na América Latina, acompanhamos o surgimento de uma reflexão ética socioambiental. É preciso uma postura ética que articule o social com o ambiental. Diante desse quadro, percebemos que o lugar do ser humano e de cada ser dentro da “casa comum” precisa ser revisado. Sem colocar em questão a missão do homem no conjunto da criação, constatamos o desafio de uma nova compreensão na relação entre os seres: é necessário fazer a passagem de uma compreensão onde impera o domínio, para uma compreensão dialogal e de comunhão.*

*Abstract: The ecological dimension of our planet could be dealt with in the context of all forms of life without any recourse to ethics. We are called to focus upon ecology and taking into account concrete situations of abuse, crimes, extinction of species of both flora and fauna, pollution of air, water, and soil, etc. However, both the negative and positive aspects, good and bad, demand a deeper analysis of the relationship between ecology and ethics. What is the meaning of the concepts: ethics and ecology? The reply takes into account human action affecting the environment where ecology comes to the fore. Thus it becomes imperative to take a good look at human initiatives in the course of history. According to Michel Métayer, the general picture of destruction is rather alarming and possibly the most serious which humanity is asked to confront up till now. As a viable response to this situation humanists propose to envisage human dignity as the foremost imperative in Latin America to be fostered in circles of study in the area of ethics applied to the environment concerned with social implications. A type of dialectic is therefore presented which will bring such value judgments and their implications into the open with special emphasis on dialogue and communion.*

## Ética e Ecologia

Pedro Paulo das Neves\*

---

\* O autor, Licenciado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL; Bacharel em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia de Belo Horizonte; Especializado em Teologia Bíblica pela Universidade Católica de Pelotas, RS; Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Louvain (UCL), Bélgica, é Padre da Diocese de Tubarão e Professor no ITESC.



*Como construir uma nova relação entre o ser humano e o ambiente, que garanta a permanência da vida em sua diversidade, sem destruir a casa comum, nem comprometer o futuro de todos os seres? Isso é, em síntese, o que se busca da relação dialógica entre ética e ecologia.*

## Introdução

Dizer algo pertinente sobre as várias crises por que passa a humanidade hoje, não é tarefa simples. Ainda mais difícil se torna, quando queremos entender os processos que conduziram a este contexto, com o objetivo de encontrar alternativas para poder fazer diferente. No que tange à crise ecológica, a maioria significativa das análises e estudos reconhece que as raízes do problema estão fincadas no tipo de relação estabelecida entre o ser humano e o ambiente natural. Por outro lado, uma abordagem histórica dessa relação desnuda as idéias, concepções e convicções, que alimentaram ações e comportamentos nos mais diferentes povos, culturas e tempos.

Por isso, não podemos abordar a situação ecológica na qual se encontra nosso planeta, sem recorrer ao campo da ética. Toda a tomada de consciência ecológica vai- nos dando um diagnóstico da situação: os abusos, os crimes, a extinção de espécies, a poluição do ar, da água, do solo etc. Mas a aceitação desse fato como positivo ou negativo, bem ou mal, exige uma reflexão articulada entre ecologia e ética. As metas e valores, elaborados ao longo das gerações, que motivaram o agir das civilizações, não podem ficar esquecidos neste momento.

Nosso propósito é começar a clarear um pouco o que se entende por *ética e ecologia*. Com o cruzamento desse instrumental, pretendemos iluminar as forças geradoras do estado atual da natureza, bem como constatar alguns esforços presentes, na prática e na teoria, que poderão somar e enriquecer toda a reflexão feita pela Campanha da Fraternidade deste ano no Brasil, que tem como lema: “*A criação geme em dores de parto*” (Rm 8,22).

## 1 Clareando conceitos

### 1.1 Ética

*“Assim como a palavra “moral” vem do latim, mores, a palavra “ética” vem do grego, éthos, e se refere aos costumes, à conduta da vida, às regras do comportamento. Etimologicamente ela indica a mesma realidade que a palavra moral, como esclarecem vários dicionários e como o filósofo francês Michel Serres observa em seu livro Génétique, procréation et droit, Paris, 1985”.*<sup>1</sup>

<sup>1</sup> DURAND, G., La bioéthique, Cerf, Paris, 1989, p.13



Muitos autores empregam as palavras “ética” e “moral”, uma pela outra, quase como sinônimos. Segundo Durand, a ética abrange três campos: pesquisa, sistematização e prática.

1.1.1 Pesquisa de normas ou de regras do comportamento, análise dos valores, reflexão sobre os fundamentos dos direitos ou dos valores.

1.1.2 Sistematização da reflexão. Fala-se da ética de Kant, ou de algum outro filósofo. Muitos teólogos empregaram a expressão “ética cristã”, para falar dos grandes valores evangélicos e da sua aplicação concreta na vida cotidiana dos cristãos.

1.1.3 Prática concreta e realização dos valores.

Encontramos, também, não poucos autores que, com frequência, distinguem *ética* e *moral*. Assim, certos filósofos tendem a limitar a ética aos dois primeiros campos da palavra “moral”. A ética é, então, “a ciência do bem e do mal”, ou a “ciência da moral”. Ou, ainda, limita-se ao estudo dos fundamentos da moral.

Além disso, a vida cotidiana confere às palavras uma história específica, que agrega a cada uma um sentido próprio. Assim, no Ocidente, onde prevaleceu o latim, difundiu-se o emprego da palavra *moral*. E, com a primazia cultural do cristianismo, a palavra “moral” facilmente ganhou uma conotação religiosa. Da mesma maneira, a descoberta dos filósofos gregos colocou em realce a palavra *ética*, com a conotação de moral não religiosa, isto é, de moral natural ou secular.

Como a moral dominante no Ocidente tem sido frequentemente apresentada como um sistema de princípios imutáveis e aparentemente definidos, a palavra “moral” tomou, para muitos, um sentido conservador e fechado. Muitos têm também tomado a palavra “ética” para expressar uma pesquisa moral nova, aberta e atenta à evolução do mundo moderno. Quer se deplore ou não, essas concepções são muito espalhadas e mantêm uma indisfarçável ambiguidade.<sup>2</sup>

## 2 Ecologia

Por “ecologia” entendemos a ciência (ramo da biologia) que estuda os seres vivos e suas interações com o meio ambiente onde vivem. Etimologicamente, a palavra *ecologia* deriva do grego: “*oikos*” = casa e “*logos*” = estudo. Os resultados desses estudos nos permitem o acesso a dados que revelam se os animais e os ecossistemas estão em perfeita harmonia. A ação do ser humano sobre o meio ambiente se constitui

<sup>2</sup> Cf. *ibid.* p. 14



em matéria essencial para a ecologia.<sup>3</sup> Numa época em que o desmatamento e a extinção de várias espécies estão em andamento, o trabalho dos ecologistas e, deles, com a dimensão ética do agir humano, é de extrema importância. Através das informações, geradas pelos estudos da ecologia, o homem pode planejar ações que evitem a destruição da natureza, possibilitando um futuro melhor para a humanidade e para o conjunto do planeta.

## 2.1 Sinais do equilíbrio perdido

Em nossos dias vemos um despertar de preocupações com o meio ambiente. Era de esperar que, com um modo de vida centrado no desenvolvimento tecnológico, onde o lucro é o critério e a meta da relação homem-natureza, cedo ou tarde as conseqüências iriam aparecer e suscitar uma nova maneira de agir. Assim sendo, não é de se surpreender diante de alguns efeitos desastrosos. O desenvolvimento industrial é freqüentemente acompanhado por uma degradação dos recursos naturais e uma acumulação de dejetos tóxicos na natureza. As emissões de CO<sub>2</sub> na atmosfera são uma ameaça constante ao clima do planeta.

Com a continuidade desse processo, marcado por ações destrutivas, milhões de espécies animais e vegetais são ameaçadas de extinção. Segundo Michel Métayer, esse quadro faz referência ao aumento de um problema muito grave: talvez o mais grave dos problemas que a humanidade teve que enfrentar até hoje<sup>4</sup>. Mas é claro que todo esse problema só veio fazer parte das reflexões em nossos dias, porque emerge de uma realidade nova que por sua vez suscita a consciência ecológica: as ações humanas, bem como suas aspirações, capacidades e projetos, devem apoiar-se numa fundamentação ética, a qual é capaz de garantir um desenvolvimento sustentável.

Diante dessa emergência da consciência ecológica, temos que nos interrogar sobre nosso dever para com as gerações futuras, nossa relação com a natureza, e mesmo sobre o sentido de nossa presença sobre a terra. A redescoberta de um sentido mais profundo e mais amplo do existir impõe-se como condição para continuar vivendo. Talvez seja neste ponto que, necessariamente, a ética e a ecologia precisam se cruzar, e trazer à luz do dia um horizonte compatível com a grandeza da criação. Segundo Afonso Murad, na América Latina e no Caribe, desenvolve-se agora uma

<sup>3</sup> Cf. Dicionário de Teologia Moral, Paulus, São Paulo, 2007.

<sup>4</sup> Cf. MÉTAYER, M. La Philosophie Éthique: enjeux et débats actuels. R P. Québec, 2002, p. 258.



corrente ética *socioambiental*<sup>5</sup>. Dentro dessa perspectiva, podemos ouvir a condenação de uma economia centrada no mercado, destruidora das culturas dos povos, destruidora do ambiente e alimentadora da exclusão. É preciso uma postura ética que articule o social com o ambiental.

Não restam dúvidas de que estamos diante do nascimento de um novo tempo. Isso não significa que tenhamos que reinventar a roda! Também não podemos ignorar a necessidade de um instrumental ético-filosófico e teológico que possa dar conta da complexidade dessa relação entre o ser humano e o meio ambiente neste novo tempo. Precisamos ir além de uma relação parasitária entre o ser humano e a natureza. Uma compreensão da criação que não pontue a necessidade de um desenvolvimento sustentável, e a construção de valores sobre os quais se possa habitar e sustentar a vida no planeta de forma solidária, carece de uma revisão. É urgente que as relações de poder e domínio fundamentadas mesmo nas páginas do Gênesis (relatos da criação) por interpretações distorcidas da Palavra de Deus, sejam substituídas desde dentro por um novo *ethos* capaz de portar solidariedade e paz a todos os seres e ao meio ambiente. Mas vejamos, a seguir, como, na questão ético-ecológica, paira a tentação de se condenar o que para muitos ainda não está garantido: os direitos da dignidade humana.

## 2.2 A questão da dignidade humana

Os extremos, como a história tem mostrado, nunca foram uma boa solução para os problemas. Neste ponto, a filosofia nos situa diante de dois caminhos: **Humanismo e Universalismo**.

**2.2.1 Humanismo:** Postula o valor intrínseco da dignidade moral do ser humano, dotado de intelecto (ética filosófica-secular) e criado à imagem e semelhança de Deus (revelação ética-teológica) .

**2.2.2 Universalismo:** Questiona o postulado básico dos humanistas: o ser humano tem uma dignidade que lhe é própria.

No dizer de Métayer, quando os universalistas reivindicam essa mesma dignidade a todos os outros seres animais e vegetais, isso implicaria em dar a eles uma dignidade moral. Sendo assim, podemos deparar-nos com duas posições diferentes em relação ao conceito de meio ambiente:

No primeiro caso, protege-se o ambiente para proteger os interesses dos seres humanos, enquanto, no segundo caso, protege-se o meio ambiente por si mesmo. Ele tem um valor intrínseco.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> MURAD, A., in A MISSÃO EM DEBATE: Provocações à Luz de Aparecida. Col. Ecléssia-Ameríndia, PAULINAS, São Paulo, 2010, p. 119.

<sup>6</sup> Cf. Ibid., p. 259



Aqui é importante distinguir a dignidade humana inerente ao ser humano, e a dignidade ético/moral decorrente do seu agir. Robert Andorno<sup>7</sup>, em um de seus artigos<sup>8</sup>, diz o seguinte :

A noção de dignidade faz referência a uma qualidade ligada ao ser mesmo do homem, o que justifica que ela é a mesma para todos, não permitindo que haja níveis diferentes. Nesse sentido, trata-se de uma dignidade inerente e não de uma dignidade ética. Destaca-se a característica estática desta dignidade, a qual não depende de qualidade moral, ao passo que a dignidade ética é uma noção dinâmica que não se aplica ao ser da pessoa mas ao seu agir. A dignidade ética permite afirmar que um homem honesto tem “mais dignidade” que um trapaceiro...

Seguindo a reflexão desse autor, podemos afirmar que o problema, manifestado na relação do ser humano com o ambiente, não pode ser atribuído ao fato de a dignidade humana lhe conferir uma qualidade que lhe é própria, e que não podemos atribuir aos outros seres. A declaração universal dos direitos humanos (1948), bem como os organismos internacionais que buscam nesse princípio fundar a defesa da vida humana, não desmerecem ou favorecem a degradação do meio natural(ambiente). O que precisamos e devemos urgentemente desenvolver é uma compreensão relacional entre o ser humano e o ambiente, que seja iluminada por um cruzamento entre ecologia e a dignidade ético-moral humana.

Quando nos propusemos refletir um pouco sobre esta relação entre ética e ecologia, é claro que não pretendemos satanizar todo desenvolvimento e/ou todo e qualquer tipo de relação entre o ser humano e a natureza. Precisamos reconhecer os avanços da ciência, as descobertas portadoras de esperanças para a humanidade... Porém, os danos causados reclamam um investimento significativo para a recuperação do que foi destruído, bem como, mais prudência em relação ao futuro.

Com a inegável interdependência entre a totalidade do sistema ambiental, muitas das ações do ser humano precisam ser revisadas, e o

<sup>7</sup> Doutor em Direito; Membro da Comissão Internacional de Bioética da UNESCO; Pesquisador do Centro Interdepartamental de Ética das Ciências (IZEW), Universidade de Tübingen, Alemanha.

<sup>8</sup> Cf. Rubrique Éthique, março, 2005: «*La notion de dignité fait référence à une qualité inséparablement liée à l'être même de l'homme, ce qui explique qu'elle soit la même pour tous et qu'elle n'admette pas de degrés. On comprend bien que ce dont il est question ici, c'est de la dignité inhérente et non pas de la dignité éthique : tandis que la première est une notion statique, puisque elle revient à tout être humain du seul fait de son existence et indépendamment des qualités morales de l'individu en question, la seconde est une notion dynamique, car elle ne s'applique pas à l'être de la personne, mais à son agir, et permet d'affirmer, par exemple, qu'un homme honnête a ' plus de dignité' » qu'un cambrioleur*».



agir humano em alguns aspectos precisa ser re-fundamentado. Não se trata aqui de destituir o ser humano de sua dignidade própria, que lhe confere uma responsabilidade especial e um valor singular na relação com os demais seres. Quer seja o posicionamento da filosofia humanística ou da teologia cristã, a dignidade humana não pode constituir-se em elemento de destruição de nenhuma vida e de nenhum sistema.

Temos conhecimento de iniciativas por parte de alguns países, de organismos nacionais e internacionais, de conferências mundiais; estamos num tempo em que os problemas ambientais, enraizados na exploração dos recursos naturais, podem ser visualizados. Pode se dizer que esse despertar reflexivo começou a ganhar corpo já em meados do século XIX, período em que a questão ecológica passou a ocupar oficialmente lugar nas preocupações com os efeitos negativos da industrialização. Porém, é somente a partir de 1970 que a questão ecológica vai ganhar status de *problema ético*, relacionando o agir humano com a natureza.<sup>9</sup>

### 3 Diferentes modos do Agir Humano em relação ao Ambiente

Para compreender a relação entre o homem e seu ambiente, e aventurar-nos em busca de um novo agir, é quase necessário um olhar panorâmico de seu processo histórico. Desde a ótica da ecologia, podemos perceber algumas etapas bem definidas, por onde vão-se sucedendo as transições no tipo de relacionamento.

**3.1 Época do equilíbrio natural** – Remontando ao paleolítico, encontramos uma relação equilibrada, onde o ambiente vai exercer uma forte influência sobre o homem. Com as atividades de subsistência restritas à caça e à pesca, dispendo dos recursos do fogo, vegetais e animais, o impacto do ser humano sobre o ambiente era muito reduzido. A natureza, por sua vez, era quem detinha certo controle sobre o homem. Pode-se dizer que, nesse período, a relação homem-natureza não diferia muito dos outros animais, caracterizando-se por uma dimensão biológica. O aspecto cultural, enquanto criação e invenção da mente humana, ainda não se manifestam: é um período de profunda adaptação ao ambiente natural.

**3.2 Da integração com a natureza ao desequilíbrio** – Segundo A. MORONI<sup>10</sup>, é no neolítico que se dá o início do desequilíbrio en-

<sup>9</sup> Cf. MOSER, A. & SOARES, A., *BIOÉTICA: Do consenso ao bom senso*, VOZES, Petrópolis, 2006, p. 92

<sup>10</sup> MORONI, A., Uma leitura dos acontecimentos históricos na relação homem-ambiente, in "Dicionário de Teologia Moral", PAULUS, São Paulo, 1997.



tre homem e ambiente. Com a escassez dos alimentos, o ser humano começa a ter os primeiros sinais de diferença e separação entre ele e a natureza. Com esse estado de consciência, tem início uma relação marcada pela descoberta do poder do homem sobre a natureza. Esta tem que produzir o alimento necessário ao seu “senhor”; desmatamentos, queimadas e o ritmo da agricultura itinerante (nomadismo), vão deixando os traços do desequilíbrio na biodiversidade; espécies animais e vegetais vão desaparecendo.<sup>11</sup> Mesmo que com técnicas elementares, o domínio do ambiente permitiu um aumento na produção de alimentos e da população.

A fixação na terra possibilitou o desenvolvimento de grupos e aldeias e, posteriormente, de cidades. Sem sombra de dúvida, a revolução urbana vai gerar uma nova mentalidade: a descoberta e o domínio de novas formas de energia (novas relações com a natureza), provenientes da utilização dos metais, foram gradativamente desenvolvendo sistemas próprios de posse e de exploração da natureza. Assim sendo, cada povo ia se tornando cada vez mais poderoso de acordo com o domínio que detinha do ambiente natural; assim poderia impor-se aos outros. Nesse período, a natureza ainda marcava boa parte do ritmo de vida das pessoas; situações de insegurança diante das catástrofes naturais, epidemias, mortalidade infantil, curta duração da vida etc. Favoreciam um sentimento de fatalismo diante do não controlável pelo homem.<sup>12</sup>

### **3.3 Controle da Natureza Pelo Homem (revolução industrial)**

– Com a industrialização, a partir do séc. XVII, a humanidade ganhou inúmeros benefícios: medicina, higiene, produção de alimentos, informação etc. Os pontos negativos não foram decorrentes do progresso em si, mas da falta de uma cultura capaz de equilibrar desenvolvimento, economia e ambiente. Alguns pontos sinalizam esse desequilíbrio: a) Homem, sujeito ativo x natureza, elemento passivo; b) Investimento elevado na produção de bens que satisfaçam necessidades criadas pelo próprio sistema de exploração de recursos naturais, a maioria das vezes visando o lucro; c) Globalização, impondo as culturas dominantes e o desaparecimento das culturas menores; d) Desenvolvimento global da tecnologia com seus impactos fortes e às vezes irreversíveis sobre o ambiente natural e humano; e) Novas fontes de energia; f) Culto ao

<sup>11</sup> Cf. *Ibid.*, p.278.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 279.



poder, descompromissado com um desenvolvimento sustentável que garantisse a preservação da vida<sup>13</sup>.

Ao dar ao ser humano a possibilidade de controle e de interferência sobre a natureza, essa etapa desconhece a presença de limites; o eu se impõe (subjativismo) a qualquer objetividade coletiva; a busca desenfreada pela realização imediata dispensa qualquer dever e responsabilidade em relação aos outros e a outros tempos (gerações futuras). Este é um momento da história da relação entre o ser humano e a natureza, onde é indubitável a presença de uma orientação ética de cunho utilitarista; os valores são substituídos pelos interesses; o bem e o mal, o certo e o errado, se revestem de um relativismo ético capaz de ofuscar a própria dimensão ética do agir humano.

#### 4 Cristianismo, Ética e Ecologia: um tripé na busca do equilíbrio

Muitos são os que divergem da possibilidade de colaboração do cristianismo para uma relação equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente. Partidários da ética secular chegam mesmo a desacreditar de uma fundamentação e reflexão de fundo religioso que tenha algo a oferecer dentro de um tecido diversificado e plural da atualidade. Assim, as correntes de ética religiosa vão sendo cada vez mais reduzidas à esfera do privado, referindo-se a determinado grupo; de outro lado, vemos universalizarem-se práticas e “valores” independentes, e mesmo contrários aos princípios religiosos.

O princípio da autonomia vai abrindo portas a um individualismo exacerbado, uma liberdade totalmente desconectada com a verdade, um sentido do bem utilitário que, como uma luva, se mescla com o relativismo ético. A distinção entre autonomia, heteronomia e anomia moral, talvez nos ajude a compreender melhor os prós e os contras na relação do tripé acima citado.

**4.1** Quando a norma moral tem origem num outro, vem de fora, sua internalização se chama heteronomia moral (*héteros*, do grego=outro, *nómos*, *nomia*= lei, norma: lei de outro). As religiões e as filosofias espiritualistas partem desse princípio moral.

**4.2** Bem diferente é a elaboração da norma moral exclusivamente pela razão humana, sem uma interferência vinda de fora: é a autonomia

<sup>13</sup> Cf. CADORRE, B., L'Expérience bioéthique de la responsabilité, Louvain-La-Neuve, Artel, p. 5-6.



(*autós*=do grego ele mesmo, lei de si mesmo). Esta é reivindicação suprema do iluminismo e neo-iluminismo.

**4.3** A ausência de norma moral, anomia, se entende como a ausência total de norma moral.<sup>14</sup>

Esses três princípios morais nos colocam diante do desafio de relacionar cristianismo, ética e ecologia. Devido a experiências errôneas do passado, a heteronomia e mesmo a teonomia, foram sendo interpretadas como supressão da liberdade humana; abrir-se ao transcendente era uma negação do intelecto humano. O caráter dinâmico e relacional da moral foi-se constituindo num conjunto de proibições, com isso conduzindo o ser humano a um fechamento sobre si e à proclamação da sua soberania sobre Deus e o mundo.

A ecologia, enquanto ciência dos sistemas de vida e do ambiente natural e humano, em suas análises e demonstrações, vem justamente denunciar essa indiferença, separação e fechamento do ser humano aos demais seres do meio em que vive. Desse ponto de vista, o horizonte cristão não difere da natureza e perspectiva da ecologia: interdependência, abertura, relação, diferença, responsabilidade... O desafio está em elucidar metas e valores para levar a efeito essa relação de forma amadurecida. “O homem se torna bom, e suas ações são boas, quando estuda a ordem cósmica e nela se insere sem destoar”<sup>15</sup>. Um mínimo de ética é fundamental para assegurar a convivência dos povos, e as religiões sempre foram uma fonte ética capaz de animar valores, ditar comportamentos e construir significado para a vida da humanidade.<sup>16</sup>

Na Conferência de Aparecida, os bispos da América Latina e do Caribe declaram, no n° 473: “*A América Latina e o Caribe experimentam uma exploração irracional, que vai deixando um rastro de morte por toda a nossa região... A devastação de nossas florestas e da biodiversidade mediante uma atitude predatória e egoísta envolve a responsabilidade moral daqueles que a promovem.. Colocam em risco a vida de milhões de pessoas e sobretudo do hábitat ...*”<sup>17</sup>

Como podemos ver, Aparecida aponta com clareza o desequilíbrio presente na relação entre o ser humano e a natureza. As raízes desse desequilíbrio, suas conseqüências e a responsabilidade moral, são fortemente denunciadas pelo documento em vários números. Assim sendo, Murad lembra que a ecologia nos convida a uma nova percepção do lugar de

<sup>14</sup> Cf. MARCHIONNI, A., *Ética: A arte do Bom*, VOZES, Petrópolis, 2008, p. 105

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>16</sup> Cf. BOFF, L., *Cuidar da Terra, proteger a Vida*, RECORD, Rio de Janeiro, 2010, p.155.

<sup>17</sup> Documento de Aparecida, n° 473a.



cada um dos seres, nesta casa comum. Com isso, novos horizontes se abrem para o cristianismo e outras religiões.<sup>18</sup> Nesse sentido, a teologia da criação (Gn 1 e 2) é um dos primeiros temas a serem revisados na interpretação da fundamentação bíblica. É necessário fazer a passagem da compreensão onde impera o domínio, para uma compreensão dialogal e de comunhão. Compreender a criação como fruto da ação trinitária<sup>19</sup>, obra que sai do coração de um Deus comunhão, relação, abertura, nos permitirá mais e melhor fundamentar um agir humano que leve cristianismo, ética/moral e ecologia a um restabelecimento do equilíbrio perdido.

## Conclusão

No presente artigo procurou-se dar um destaque especial à possibilidade e necessidade de uma cooperação entre ética e ecologia, na busca do equilíbrio relacional entre o ser humano e o meio ambiente. Uma nova compreensão de cada um dos seres, e de seus lugares na teia de relação uns com os outros, trouxe à tona os danos de uma ação desregrada e inconseqüente, levada a efeito com o processo do desenvolvimento técnico-científico. A dignidade humana, por força da reflexão (fundamentação) filosófica ou teológica, se constitui numa dimensão essencial na harmonização da vida na casa comum. Os gritos das vítimas de uma relação egoísta e destruidora vão chegando a todos os ouvidos: nacionais e internacionais; instituições seculares e religiosas.

As grandes conferências mundiais sobre as questões ecológicas: Rio 92, Copenhague, Cancun etc., sentiram nitidamente a necessidade de uma ética capaz de fundamentar um novo agir, que possa conduzir a humanidade e sua relação com o ambiente para além dos interesses mesquinhos de grupos e países que não conseguem visualizar nada, e muito menos a vida, longe do horizonte mercadológico. “*A criação geme em dores de parto*” (Rm 8,22). A igreja no Brasil, através deste lema da Campanha da Fraternidade de 2011, presta ouvidos ao grito da natureza e de toda a vida. É uma escuta esperançosa, “escuta com o coração” e, ao mesmo tempo, um anúncio dos valores éticos/morais que poderão garantir a sustentabilidade da vida no planeta. Solidarizar-se com este gemido e com este choro da criação, talvez seja a atitude primeira na descoberta, acolhida e construção de uma ética da vida.

<sup>18</sup> MURAD, A., op. cit., p. 3.

<sup>19</sup> Cf. MOLTMANN, J., *Dios en la Creación*, Salamanca, Sígueme, 1997, pp. 22-26.



## Bibliografia

- Dicionário de Teologia Moral, Paulus, São Paulo, 2007.
- Documento de Aparecida, 2007.
- DURAND, G., La bioéthique, Cerf, Paris, 1989.
- MÉTAYER, M., La Philosophie Éthique : enjeux et débats actuels, R. P. Québec, 2002.
- MURAD, A., in A MISSÃO EM DEBATE : Provocações à Luz de Aparecida, Col. Ecclésia-Ameríndia, PAULINAS, São Paulo, 2010.
- MOSER, A. & SOARES, A., BIOÉTICA: Do consenso ao bom senso. VOZES, Petrópolis, 2006.
- MORONI, A., Uma Leitura dos Acontecimentos Históricos da relação homem-ambiente, in Dicionário de Teologia Moral, PAULUS, São Paulo. 1997.
- CADORRE, B., L'Expérience bioéthique de la responsabilité, Louvain-La-Neuve, Artel, 1994.
- MARCHIONNI, A., Ética : A arte do Bom, VOZES, Petrópolis, 2008.
- BOFF, L., Cuidar da Terra, proteger a Vida, RECORD, Rio de Janeiro, 2010.
- MOLTMANN, J., Dios en la Creación, Salamanca, Sígueme, 1997.

### *Endereço do Autor:*

Rua Dep Antônio Edu Vieira, 1524  
Caixa postal, 5073  
Pantanal  
88040-970 Florianópolis, SC  
E-mail: pepauloneves@hotmail.com